

Jornal da

SOCIEDADE BRASILEIRA DE
PSICANÁLISE
DE PORTO ALEGRE



Brasileira

A eterna construção da psicanálise

100 ANOS DA IPA

Marcas significativas

Este editorial marca e é marcado pelo centenário da IPA. Cem anos se passaram desde a oficialização do heroico projeto de Freud e de seus seguidores para compor uma associação a fim de proteger e divulgar a psicanálise em nível internacional. Nesse século, a nova ciência amadureceu, e o movimento psicanalítico, efetivamente, difundiu-se por todo o mundo, experimentando, em contrapartida, as necessárias rupturas advindas do conflito das ideias.

A IPA vem, através das necessárias transformações, vencendo o desafio de manter a coesão do saber psicanalítico, atravessando os tempos e as profundas mudanças operadas no mundo. Para homenagear a nossa ilustre aniversariante, convidamos duas figuras ímpares da psicanálise, que, por suas destacadas trajetórias, são parte importante da história da IPA. Assim, narrando-nos suas próprias histórias, Cláudio Laks Eizirik, ex-presidente da IPA, e Vida Maberino de Prego, uma das pioneiras da psicanálise uruguaia e latino-americana, estarão nos contando sobre a jovem centenária instituição congregadora dos psicanalistas - é assim que queremos saber da IPA, pelos "causos", pelas curiosidades de pessoas especiais que fazem parte da sua história.

Além desta pauta, destacamos outra circunstância interessante sobre este jornal: é o número inaugural da gestão. Momento de promessa, expectativas e apreensão, já que nos deparamos com leitores habituados a textos de qualidade, os quais são parâmetro desafiador. Acreditamos que a criação de um jornal é um trabalho eminentemente coletivo, cujo sentido se dá pela diversidade e riqueza de visões, com permanentes construções e desconstruções, movimento inerente ao processo criativo. Além disso, custa-nos conceber o trabalho coletivo sem aquela seriedade e prazer, como diria Freud, da criança ao brincar. E não é essa a fonte da criatividade, como nos ensinou Winnicott?

Descobrimo-nos inspirados por essas ideias ao buscar a equipe de trabalho. O resultado foi uma comissão editorial peculiar. Um grupo multidisciplinar, em que todos têm formações ou atividades paralelas e cujo processo criativo transita essencialmente pela via da seriedade da brincadeira e do humor. Quem sabe esse formato tenha sido responsável pela inauguração de um espaço lúdico no jornal, como um convite a toda a Brasileira a brincar conosco?

Inauguramos mais dois espaços que buscam maior interatividade com os integrantes da Sociedade. Um deles é o Espaço Livre, que se propõe à publicação da produção literária dos colegas. Podem enviar-nos poesias, crônicas, artigos, etc. e assim teremos a oportunidade de conhecer talentos secretos e outros, já desvelados, que com prazer serão revisitados.

Meus sinceros agradecimentos à comissão editorial que projetou e realizou esta publicação: Adriana Loiferman, Celso Gutfreind e Rodrigo Boettcher. Obrigada pela entrega ao divertido e sofrido processo de criação coletiva. Obrigada à Ananda Feix por sua ativa e abnegada participação, sempre trazendo ordem e viabilidade ao trabalho e à Helena Mello, jornalista, que com sua inteligência, perspicácia e entusiasmo tão comodamente se integrou ao espírito da equipe.

Helena Ardaiz Surreaux

Jornal da Brasileira: feito por uma equipe multidisciplinar

Com grande satisfação, quero dar boas-vindas a este novo número do Jornal da Brasileira, elaborado por uma Comissão Editorial formada por talentosos colegas que, além de psicanalistas, possuem experiências e conhecimento oriundos das artes, da arquitetura, da publicidade e da literatura. Pelo seu conteúdo, trata-se, como o anterior, de mais um número para ser guardado, pois reúne depoimentos valiosíssimos. Além disso, inova com a inclusão de um espaço para revelar a criatividade dos membros da Sociedade e com uma seção denominada Dica à Brasileira, que por certo conferirá à publicação uma maior proximidade com o leitor. De fato, para ir à frente, não basta fazer: é preciso criar. Por isso, cumprimento a todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho que desperta o orgulho de ser da Brasileira.

Gley P. Costa



Jornal da Brasileira
Órgão de Divulgação da
Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre,
fundada em 1992.
Rua Quintino Bocaiuva, 1362
CEP 90440-050 - Porto Alegre - RS - Brasil
Tel./Fax 55 51 3330-3845 | 3333-6857
www.sbpdepa.org.br | sbpdepa@sbpdepa.org.br

Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da SBPPA, estando, portanto, sob responsabilidade de seus autores.

DIRETORIA

Presidente: Dr. Gley Silva de Pacheco Costa
Secretário: Dr. José Luiz Freda Petrucci
Tesoureiro: Dra. Heloísa Poester Fetter
Comissão Científica: Dr. Marco Aurélio Crespo Albuquerque
Comissão de Comunicação:
Dra. Helena Surreaux
Comissão de Relações com a Comunidade:
Dr. José Ricardo Pinto de Abreu
Comissão do Centro de Atendimento
Psicanalítico: Dra. Caroline Milman
Membro Honorário: Dr. David Zimmermann

INSTITUTO DE PSICANÁLISE

Diretor: Dr. Júlio Campos
Secretário: Dr. Fernando Linei Kunzler
Subcomissão de Formação: Dr. Gildo Katz
Subcomissão de Seminários:
Dr. Ignácio Alves Paim Filho
Subcomissão da Infância e Adolescência:
Dra. Vera Maria Homrich Pereira de Mello

NÚCLEOS

Núcleo de Infância e Adolescência
Dra. Mayra Dornelles Lorenzoni
Núcleo de Vínculos e Transmissão Geracional
Dra. Cynara Cezar Kopittke
Núcleo Psicanalítico de Florianópolis
Dr. Márcio José Dal-Bó

JORNAL DA BRASILEIRA

Editor: Dra. Helena Surreaux
Conselho Editorial: Dra. Adriana Loiferman,
Dr. Celso Gutfreind, Dr. Rodrigo Boettcher
Jornalista Responsável: Helena Mello
Revisão: Antônio P. Falceta e Luíza B. Martins
Projeto Gráfico: Paola Bulcão Manica
Assistente Editorial: Ananda Feix Ribeiro
Secretárias: Fernanda Lemke e Fabiana Cruz
Execução Gráfica: Dolika
Tiragem: 2000

Curso de Formação em infância e adolescência

Em agosto de 2009 demos início, em nossa Sociedade, aos seminários do curso de Formação em Psicanálise da Infância e Adolescência. Essa primeira turma é constituída pelos colegas Dra. Adriana Ampezzan, Dra. Ane Marlise Port Rodrigues, Dra. Astrid Ribeiro, Dr. Celso Gutfreind e Dra. Mayra Lorenzoni.

As inscrições estão abertas para os interessados a ingressarem na próxima turma, que terá início em março de 2011. Para tanto, os mesmos devem se dirigir à secretaria da SBPdePA, manifestando seu interesse.

Associação dos Membros do Instituto

Continuando com atividades e abrindo novos caminhos

Após quase dois anos de gestão, gostaríamos de aproveitar este espaço para agradecer à nossa Diretoria do Instituto e a todos os colegas que sempre nos apoiaram, participaram e compartilharam conosco desse tempo de trabalho.

Acreditamos que, nesse período, pudemos dar continuidade ao trabalho das gestões que nos antecederam e que construíram e conquistaram importante lugar em nossa Instituição. Pensamos ter incrementado a integração e a participação de nossos membros através dos nossos divertidos encontros sociais, assim como ter contribuído com algumas atividades científicas, como o encontro com o Dr. Bonaminio durante nossa Jornada em novembro de 2009 - posteriormente, brindado com um convite a uma participação num capítulo em seu futuro livro. Também nossos encontros com a ensaísta Lea Masina, que tão afetivamente nos estimulou na oficina de escrita. E as duas aulas inaugurais organizadas e apresentadas pelos nossos membros e apoiadas pela Diretoria do Instituto.

Salientamos também a nossa preocupação em divulgar o nome da nossa Instituição em outras paragens: no Congresso Brasileiro de Psicanálise no Rio de Janeiro em abril de 2009, representados por nossa presidente Luciana Saraiva Schmal; na realização da posse da Diretoria da ABC (Associação Brasileira de Candidatos), ocorrida em dezembro de 2009, em Ribeirão Preto pelo nosso secretário Rodrigo Boettcher; ou, ainda, no encontro dos Institutos, em março deste ano em Buenos Aires, representados pela nossa colega Silvia Skowronsky.

Seguimos entusiasmados até novembro deste ano. Entretanto, pensamos que é hora de outros colegas poderem investir e continuar nossa "trilha" na Associação. Desejamos, através destas breves palavras, ter despertado o interesse naqueles que darão continuidade a este vigoroso e importante espaço, que representa nossa vitalidade enquanto Membros desta Instituição. Estes certamente terão nosso apoio, não só nessa passagem, como nas futuras atividades a serem desenvolvidas.

Cinema e debate

A Comissão de Relações com a Comunidade desenvolve a atividade chamada CINE-FÓRUM, que envolve a exibição de filmes e a posterior discussão em pequenos e em grandes grupos. Essa proposta está aberta à comunidade e já foi realizada em meses anteriores, em que se debateu o filme "O Leitor", com a coordenação do Dr. João Luiz Costa Ribeiro e com as participações do Dr. Flávio Roitman e das doutoras Silvia Katz e Tamara Barcellos Ferreira.

Em junho, o filme escolhido para o debate foi "Mil Anos de Orações", com a coordenação da Dra. Rosa Beatriz Santoro Squeff e com a participação das doutoras Ana Rosa Chait Trachtenberg, Rosa Avritchir e Helena Surreaux.

Essas exposições acontecem na Sede da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre e têm inscrições gratuitas.

Grupos de estudo

Médicos, psicólogos, profissionais da Saúde e Educação e estudantes participam dos grupos de estudo que se realizam na Sede da SBPdePA. O investimento dessa atividade é R\$ 50,00 mensais.

Patologias do desvalimento

Terças às 15h30

Coordenação: Dra. Cynara Cezar Kopittke

Prática psicanalítica e psicoterapêutica da cultura pós-moderna

Segundas às 11h

Coordenação: Dr. Marco Aurélio Albuquerque

Estudos sobre vínculos e transgeracionalidade

Quintas às 11h

Coordenação: Dra. Ana Rosa Trachtenberg.

O lugar da mãe na construção do eu

Sextas às 17h

Coordenação: Dra. Astrid Muller Ribeiro

Estudos sobre transtornos alimentares

Segundas às 16h

Coordenação: Dra. Maria Isabel Mattos

Seminários clínicos

Os seminários clínicos são atividades construídas com o grupo, no sentido de integrar a clínica com a teoria. O público-alvo são médicos, psiquiatras e psicólogos, que se reúnem na sede da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre para debater temas como o "estudo sobre a obra de Thomas Ogden", "estudos de casos clínicos", bem como a discussão de "casos clínicos de crianças - desenvolvimento normal e psicopatologia". Os encontros são coordenados pelos doutores José Luiz Petrucci, Newton Aronis e a Dra. Ane Marlise Port Rodrigues.

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO

UNIRITTER em parceria com a SBPdePA

Em andamento. Aguarde nova turma.

Informações (51) 3027-7326

email: pos-graduacao@uniritter.edu.br

www.uniritter.edu.br/posgraduacao

Nossa imagem interna e externa

A Diretoria de Comunicação abarca a editoração da revista e do jornal da Brasileira, o controle e a atualização do site, assim como toda a informática, além da manutenção da biblioteca. Portanto, trataremos algumas notícias dessas áreas.

Ao assumirmos o cargo, fizemos um mapeamento de todos os setores mencionados e logo piscou uma luz vermelha que indicava a urgência de modernizar o nosso site. Côncios de que tão importante quanto ter uma boa sede é ter um bom site, primeira cara da instituição ao público externo, com o apoio da diretoria e o entusiasmo da secretaria, demos início ao processo.

Assim, o novo site, que está sendo lançado agora, junto com este número do jornal, inclui um portal que, além das páginas, oferece serviços como a consulta ao acervo da biblioteca e às notas dos seminários (mediante senha). E, ainda, as páginas já existentes passaram a ser mais interativas. Para executar essa medida, vimos a necessidade de fazer um *up grade* em toda a informática da Brasileira, não só para dar o suporte ao site integrado ao portal, mas também para agilizar todo o funcionamento da secretaria e da biblioteca.

Dessa forma, procedemos também à aquisição de um novo sistema para a biblioteca (GeDoc), integrado ao portal, que permitirá consulta *on-line* ao acervo e renovação de empréstimos, já que o sistema anterior estava defasado em relação às nossas necessidades.

O novo site integrado ao portal proporciona ainda uma apresentação mais completa dos membros da Sociedade, incluindo mini-curriculum, com *link* a currículo Lattes ou blog (ambos opcionais), além de um espaço para a publicação de artigos. Teremos uma área restrita com acesso por senha aos serviços do portal. Dessa forma, os Membros do Instituto terão a possibilidade de visualizar toda a sua situação acadêmica e possíveis pendências de documentação e de formulários. A sistemática atualização do site ficará a cargo da Dra. Luciana Saraiva Schmal.

Sobre a biblioteca, queremos comunicar que ficará sob a coordenação da Dra. Paula Daudt Sarmento Leite, que estará responsável pela renovação constante do acervo. Além, é claro, dos cuidados da nossa bibliotecária Ananda Feix, sempre colocando a sua já famosa eficiência à nossa disposição.

A revista está em alta produtividade, recebendo muitos artigos, vindos de autores da casa e de fora, tanto do Brasil como da Argentina, do Uruguai, da Venezuela, dos Estados Unidos, etc. Está indo tão bem, levada pela organização da Ananda e da super-experiente comissão formada por Carmen Lúcia M. Mousalle, Carmen Saile Willrich, Rosa Beatriz Santoro Squeff, além de recentemente integrada, Carmem Alice Escosteguy que nos pareceu estar precisando de um novo desafio... Assim, decidimos tornar a revista temática. Dessa forma, além de ser um histórico da produção científica dos nossos membros e do movimento psicanalítico em geral, servirá como uma fonte de consulta mais eficiente. Cabe lembrar que em cada número nos comprometemos com os artigos relacionados ao tema, mas sempre estaremos abertos para receber trabalhos de qualquer assunto, dentro do referencial psicanalítico, é claro. O tema do volume que ora está sendo lançado é Cem Anos da IPA; o do próximo é A Psicanálise de Crianças e Adolescentes: Teoria, Clínica e Técnica, este, pensado para consagrar o início da formação em psicanálise da infância e da adolescência na Brasileira.

Para terminar, queremos agradecer à adesão e à colaboração de toda a diretoria na realização desses projetos e a generosa contribuição dos membros das comissões editoriais da revista e do jornal, além da participação dedicada e entusiasta da nossa coordenadora administrativa Eli Fontela, da nossa secretária, Fernanda Lemke e da nossa bibliotecária, Ananda Feix.

Literatura, psicanálise e eventos

O Núcleo de Vínculos e Transmissão Geracional da SBPdePA propõe-se, desde 1999, ao estudo da intersubjetividade, campo que abrange desde os fenômenos implicados nas transmissões psíquicas inter e transgeracionais até a psicanálise de casal e família. No primeiro semestre de 2010, o Núcleo se dedicou à leitura do livro “Devenir otro com otro(s) – Ajenidad, presencia, interferencia”, de Isidoro Berenstein. Esse autor, um dos expoentes da psicanálise vincular, postula a noção de interferência em contraponto ao conceito clássico de transferência, na medida em que considera a presença do outro, em sua condição de a-lheio à realidade interna do sujeito, como agente e produtor de realidade psíquica. Esse enfoque situacional se desdobra da relação paciente-analista aos vínculos de casal e família, propondo uma complexidade que desafia o trabalho analítico tradicional e implica na formulação de novas considerações metapsicológicas. O 4º Congresso Internacional de Psicanálise de Casal e Família aconteceu em Buenos Aires no mês de julho (as edições anteriores ocorreram em Paris, Montreal e Barcelona), e os seus organizadores convidaram a SBPdePA, através do Núcleo de Vínculos e Transmissão Geracional, a participar como instituição Apoiadora (Auspiciante). Vários colegas prestigiaram o evento e a colega Ana Rosa C. Trachtenberg participou de mesa-redonda com o trabalho “Transgeracionalidade, Resiliência e Vínculo”.

Um espaço aberto

O Centro de Atendimento Psicanalítico da Brasileira (CAP) começou 2010 com uma média de oito pacientes encaminhados por mês – índice esse que vem se mantendo ao longo do tempo.

O ano também se inicia com a continuidade do projeto que pretende conhecer o tipo de paciente que procura o CAP. Uma das interessantes constatações, e que já foi divulgada no ano de 2009, é que a principal fonte de encaminhamento dos pacientes é o site da Brasileira.

Faz parte também dos projetos em andamento seguir buscando a troca de experiências clínicas, o que confere às nossas reuniões um caráter dinâmico e de aprendizagem.

O fazer psicanalítico tem sido recorrente em nossas discussões. Afinal, essa é a grande meta de todos nós que escolhemos participar de uma Sociedade Psicanalítica. O CAP está profundamente vinculado a essa ideia, permanecendo em constante atenção para que o olhar psicanalítico não se perca. Temos, juntos, entendido que nem sempre o paciente que chega entra diretamente em análise, mas deve sempre estar **sob** análise. Se assim for, as bases estarão traçadas para a construção de um trabalho que conduza o paciente ao processo analítico – o que se dará naturalmente, de dentro para fora.

Aproveitamos para lembrar que o CAP é um espaço aberto a qualquer membro da Brasileira que queira participar, mesmo que não se inscreva para receber encaminhamentos. Funcionamos com uma reunião mensal, com duas opções de horário: ao meio-dia e à noite.

Eventos diversos

O Núcleo Psicanalítico de Florianópolis realizou, em 21 e 22 de maio, a VII Jornada de Psiquiatria no salão nobre da UNISUL de Tubarão /SC. Márcio J. Dal-Bó participou de uma mesa-redonda com a presença do desembargador do Tribunal de Justiça de Santa Catarina, doutorando em psicanálise pela Universidade de Barcelona, Espanha. O tema foi a violência do ponto de vista jurídico e psicanalítico a partir do filme “Em teu nome”. Esse filme trata da questão dos presos políticos na ditadura de 64. “Em teu nome” ganhou quatro Kikitos no festival de Gramado/2009. O Núcleo conseguiu fazer o pré-lançamento nacional em Tubarão em função de ser uma atividade ligada à Universidade.

Durante todo o ano, o Núcleo realiza também o Curso de Teoria Psicanalítica. Esse curso foi elaborado para estudantes de psicologia, medicina e profissionais da área da saúde que desejam estudar sobre a teoria psicanalítica. Coordenado por Maria Salvalaggio, o curso que ocorre todas as quintas-feiras, é ministrado por Marcio José Dal Bó, membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, e por professores convidados da SBPdePA. Entre os temas discutidos estão O Mal da Civilização, O Ego e o Id, O Ego e o Superego, O Sentido dos Sintomas, O Estado Neurótico Comum e Esquema de Psicanálise.

No segundo semestre está prevista a já tradicional atividade cultural de psicanálise e cinema e uma jornada científica psicanalítica em que a atividade cultural estará inserida. O tema ainda não foi escolhido mas, provavelmente, tratará de perversões.

Nova equipe

É com muito entusiasmo que comunicamos a todos a nova equipe do Núcleo de Infância e Adolescência (NIA) da SBPdePA, constituído por Aline Pinto, Cibele Fleck e Christiane Paixão. Colegas que já vem de uma trajetória importante no estudo e trabalho na área de infância e adolescência, que, com muita vibração, interesse e empenhamento, engajaram-se na tarefa de revitalizar o nosso NIA. Nossas reuniões têm se dado de forma sistemática às sextas-feiras, das 16h30 às 18h.

Nesse primeiro momento, estamos discutindo sobre temas de maior relevância na atualidade com o objetivo de construir uma programação científica que possa ir ao encontro dos interesses e necessidades do nosso fazer clínico contemporâneo.

Nosso projeto “Pensando com o NIA: Debates Psicanalíticos” é um convite à participação efetiva de vocês, para juntos buscarmos caminhos transformadores às inquietações nossas de cada dia.

Portanto, aguardem!

I Encontro Brasileiro de Estudos sobre a obra de Sigmund Freud

26 e 27 de novembro de 2010
Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre

IPA
ASSOCIAÇÃO
PSICANALÍTICA
INTERNACIONAL
1910 - 2010
Consistência e Integração



Movimentos

1º semestre de 2010
Membros que ingressaram
no Instituto:

- Ivone Cordeiro Soares
- Karla Moraes Ferraro
- Natali Shi Wai Shan

Candidata que concluiu os seminários:

- Janaína Tavares

Membro Titular que se tornou Didata:

Augusta Gerchmann

Aconteceu

Em março, foi dado início aos Grupos de Estudo.

- Dia 24 de abril, aconteceu o Cine Fórum com o filme "O leitor".
- No dia 8 de maio, foi a vez do evento Psicanálise à Brasileira com o tema "Quem é esse que se diz psicanalista?"
- Já em Junho, os temas foram "Análise Terminável e Interminável: Controvérsias na atualidade", além de mais uma edição do Cine Fórum com o filme "Mil anos de Orações" e a atividade na Cultura colocando em debate "O poder Impotente: à impunidade".
- Em julho, foi aberta a discussão sobre o "Totalitarismo mental", e na atividade Psicanálise à Brasileira o assunto foi "Pesquisa em psicanálise".

AGOSTO	07	Cine-Fórum	Amor sem escalas
	25	Brasileira na Cultura	O poder (do) político
	28	Psicanálise à Brasileira	Pesquisa em psicanálise
SETEMBRO	25	Psicanálise à Brasileira	Psicanálise e políticas públicas
	29	Brasileira na Cultura	O poder da mídia
OUTUBRO	02	Cine-Fórum	O segredo dos seus olhos
	27	Brasileira na Cultura	O poder do sexo
	30	Psicanálise à Brasileira	"Quem é esse que se diz psicanalista?" Parte II
NOVEMBRO	24	Brasileira na Cultura	O poder da criatividade humana
	26 e 27	I Encontro Brasileiro de Estudos sobre a Obra de Freud "Evoluções e mudanças teóricas e técnicas na obra de Freud"	

Dica à Brasileira

Zoológico de Gramado: vale a pena uma visita

Caros leitores, nesta edição pensamos em inaugurar um espaço chamado Dica à Brasileira. A ideia é reservar um lugar especial em nosso jornal para compartilharmos lugares, receitas culinárias, espaços culturais, livros, revistas, lazer, vinhos, viagens, enfim, difundir nossas boas experiências. Inauguramos com a dica do Zoológico de Gramado.

Localizado a 700m antes do pórtico da cidade, na RS 115, o zoo de Gramado conta com aproximadamente 1.500 espécies da fauna brasileira e aposta em um novo conceito, no Brasil, desse segmento. Lá praticamente não existem grades. Na entrada, os visitantes são literalmente recepcionados por simpáticos tucanos, caturritas, araras ou papagaios entre outras belíssimas aves. Não é preciso dizer que as crianças deliram com a experiência e, particularmente, os adultos também! A seguir a surpresa é ainda melhor quando o que divide os animais expostos dos visitantes

são imensas janelas de vidro. Assim, pode-se ficar cara a cara com uma onça pintada, trocar olhares curiosos com os simpáticos quatis, quase beijar a temida onça preta ou ainda se arrepiar com alguns enigmáticos répteis. Realmente imperdível! Ficaremos por aqui, ainda que o Minutim ou os divertidos pinguins agucem nossa vontade de não parar de contar. A entrada custa 16 reais para adultos, a partir dos 60 anos, 8 reais; crianças de 03 a 12 anos de idade, 12 reais.* Uma dica, para quem preferir, é o aluguel de um minicarro com motorista para realizar um percurso e de 1.200m. É necessário reservar antes. Também reserve, se possível,

algum dinheiro para um divertido lanche no restaurante ou para algumas compras na simpática e bem equipada lojinha. Afinal vale levar uma lembrança do passeio! Fica aberto diariamente das 09 às 17 horas. O telefone do zoo é 0xx(54) 3421.0800, o site é www.gramadozoo.com.br e o e-mail: atendimento@gramadozoo.com.br. Não perca! Para as próximas edições contamos com a sua dica. Escreva para sbppabib@terra.com.br aos cuidados da equipe do nosso jornal. Forte abraço e bom proveito!

* Valores sujeitos a alterações.

Ligue-se! Conecte as colunas.

1. Interlocutor Freud final século XIX	A. Homem dos ratos
2. Sobre a Técnica Psicanalítica	B. Sigmund Freud
3. 1918	C. Leonardo da Vinci
4. 1946	D. Carta 52
5. 1925	E. Sobre a Criminalidade de Melanie Klein
6. 1º de janeiro de 1896	F. Herbert Rosenfeld
7. 1909	G. Autor da novela Gradiva
8. Análise de psicóticos... estados confusionais	H. Fliess
9. 1901-1981	I. R. Horacio Etchegoyen
10. Se analisou com Melanie Klein	J. A Negativa
11. Jansem	K. Notas sobre alguns mecanismos esquizóides de Melaine Klein
12. 1910	L. Homem dos lobos
13. 1934, um texto	M. Wilfred Bion
14. 1856-1939	N. Rascunho K
15. 06 de dezembro de 1896	O. Jacques Lacan



Charge de Arnaldo Branco

D'KBÇA, não vale colar!

1. Qual o nome do pequeno Hans?
2. Verdrängung significa?
3. Em que ano foi escrito o "Ódio na Contratransferência" de Winnicott?

Save the Date

Nossa
Festa de final
de ano será no
dia 4 de dezembro,
sábado, às 21h.

Respostas do Ligue-se: 1-H; 2-I; 3-L; 4-K; 5-J; 6-N; 7-A; 8-F; 9-O; 10-M; 11-G; 12-C; 13-E; 14-B; 15-D.
Respostas do D'KBÇA: 1. Herbert Graf - 2. Recalque - 3. 1947

Vida Maberino

e o incessante assombro diante da vida

“Vida”, a poesia já está contida no nome que recebeu de seus pais. Nessa marca desejante, já não estaria selado o seu compromisso com a visão amorosa e de eterna surpresa que lança sobre o mundo? Nessa emocionante entrevista a Víctor Guerra, somos apresentados ao cenário apaixonado dos inícios da psicanálise no Uruguai pela ótica de uma mulher que nos revela ter sido uma moça tímida, que desabrochou em íntima relação com a psicanálise. A partir de seus estudos psicanalíticos, da vital relação com seu professor e analista, Willy Baranger, e do amor de Luis Enrique Prego Silva, foi, sempre com deslumbramento descobrindo-se psicanalista. Começou seus estudos de psicanálise por volta de 1957, sendo uma das pioneiras da psicanálise no Uruguai (APU) e na América Latina. Conviveu com outras personalidades, como Esther Bick. Vive em Montevideú, onde segue supervisionando, com sabedoria e lirismo, e coordenando grupos de psicanálise e literatura, uma de suas predileções.

Por Víctor Guerra

Teu primeiro curso foi de psicologia?

Sim, de psicologia. Depois, eu ia ao Vilardebó (Hospital) com Luis Enrique (refere-se a Luis Enrique Prego, seu marido, fundador da psiquiatria infantil no Uruguai e introdutor do pensamento de Winnicott naquele país) quando ficamos noivos, e isso foi em 39, quando ele tinha que fazer um semestre. Ele me perguntou se eu não gostaria de pedir que me aceitassem de ouvinte porque me interessavam essas coisas. Falei que não sabia se me aceitariam, pois eu não era estudante de medicina, mas ele insistiu. E comecei a ir e, em lugar de seis meses, foram três anos. Fizemos muitos amigos naquele âmbito de estudo e a psicanálise me apaixonava, mas nunca havia pensado em ser analista, até que conheci o Héctor Garbarino e o Willy Baranger (fundador da APU e primeiro analista didata). Me parecia que era algo muito grande, que não era para mim...

Tens lembrança de uma primeira aventura na psicanálise? Como tiveste tua primeira notícia de Freud e de todas essas coisas?

Sim, eu conheci Luis Enrique com o livro de Freud debaixo do braço. Em seguida, ele começou a me falar de Freud.

Foi por vias do amor... E tens lembranças das tuas primeiras impressões quando leste o texto de Freud?

Ah, isso sim. Achei maravilhoso! Eu fa-

zia um curso de datilografia naquela época e então perguntei ao professor se ele se importaria se eu trouxesse o livro de Freud, porque, desse modo, enquanto eu ia copiando, ia fixando. Ele respondeu que eu podia trazer o que quisesse, e eu levava o livro de Freud que o Luis Enrique me emprestava. Um dia, em aula, Baranger disse: “agora eu vou indicar aos estudantes um tema para que deem uma aula”. E passou a um rapaz um tema e me disse, “...para você, Vida, os sonhos”. Eu protestei. E ele me disse: “Não, não. Escreva o que lhe parecer”. E eu levei um susto, era muito tímida. E então escrevi, porque me interessaram sempre os sonhos. Ele me disse que passasse lá (na frente da classe) para apresentar, como havia feito o outro colega, mas não, fiquei no meu assento e disse que iria apresentar de lá... Uma vergonha horrível! E quando li o trabalho, Baranger gostou e, ao acabar, ele disse: “Vamos discutir o esplêndido trabalho que Vida trouxe”, e eu fiquei impressionada... Uns dias depois, eu lhe perguntei: “Professor, o fato de que alguém esteja estudando essas coisas prejudicaria se quisesse amanhã me analisar?”. “Que esperança!”, me respondeu e completou: “Ao contrário”. Passou um tempo e, um dia, quando saímos da aula, Baranger me disse: “Vida, espera um momentinho”. Os outros saíram e, enquanto eu me perguntava o que ele iria me dizer... “Vida”, diz ele, “sabes que eu tenho um horário

livre? Queres começar a tua análise?”

Ah, assim, de repente?

De repente. E eu lhe disse: “Me pegou de surpresa professor, quase estou assustada”. Mas ele me disse: “Bom, não te assuste. Sábado te espero no consultório e conversamos”. Quando cheguei em casa, contei ao Luis Enrique e ele não podia acreditar, porque Baranger só pegava aqueles que já haviam passado pela análise terapêutica, só para a didática.

Quem fazia a análise terapêutica nessa época?

Nessa época, Héctor e Mercedes Garbarino, Agório (Roberto), Koolhaas (Gilbert), Martha Lacava, e uma pessoa cujo nome me escapa. Esses colegas formaram o Grupo de Estudos de Psicanálise, e quando quiseram que fosse a Associação Psicanalítica do Uruguai, disseram que tinha de ter uma ou duas que tivessem sido analisadas e formadas na Internacional. Aí veio o casal Baranger. Então sim, depois de um ano, acredito, fomos reconhecidos como Associação. A 1ª geração era, já te digo..., os Garbarino, Koolhaas, Agório, Reys, Ramirez, Martha Lacava e... ah, que engraçado que me esqueci o nome de uma pessoa que depois se foi para o México e não soube mais dela. Essa foi a 1ª geração. O Luis Enrique foi da 2ª geração, com o Jorge Galeano, a Olga Alfonso, que era médica também, e Martha Nieto. E eu sou da 3ª geração.

Prego

Vida, na tua geração havia mais ou menos a mesma porcentagem de mulheres e homens na Sociedade?

Havia mais mulheres. No seminário, éramos quatro e três eram mulheres. Depois se igualou um pouco, mas posso dizer que sempre houve mais mulheres, agora também.

A teoria em voga na época era kleiniana?

Sim, Freud primeiro, o pilar em que tudo se apoiava, depois Klein. Bem, naquele sábado do convite do Baranger, já ficamos combinados, e na segunda-feira comecei minha análise com ele, o que despertou o ciúme de muitas pessoas, porque diziam: “Como? Já começaste com Baranger?”.

Diretamente com Baranger... Por certo ele encontrou algo para pensar na atração que tinhas entre a literatura e a psicanálise, encontrou algo do tema na tua forma de participação nas aulas e, sobretudo, no teu trabalho sobre os sonhos. Te lembras como era esse trabalho?

Eu não sei... Acho que tomei, assim, exemplos de sonhos meus, sem dizer que eram meus. Tomei Freud (com os sonhos) e depois também Garma, porque Garma havia trabalhado muito com sonhos. Disse, por exemplo, que Freud falava na realização do desejo e Garma sempre iluminava o conflito – mais que a realização dos desejos, o conflito - o que, em última instância, são as duas faces da mesma moeda. A lembrança (sobre a apresentação do trabalho) é que me assombrei, que fiquei pensando... Mas se ele achou que estava bem, bom...

Então, em sua vasta experiência clínica, como era ser analista antes e como é sê-lo agora?

Bom, eu acredito que o perfil do analista deve ser conservado. Existe algo importantíssimo, inerente a ser analista que é ter a responsabilidade com algo tão importante como as coisas mais íntimas do paciente. As diferenças que

eu poderia encontrar seriam, mais precisamente, as diferenças de mudanças na sociedade. As pessoas agora sentem que a análise é muito longa, o tempo, a frequência... Mas há um engano aí... Muita gente pode pensar que, se uma análise dura cinco anos, por exemplo, até que a análise não esteja concluída, o indivíduo não está pronto para ir à esquina... No entanto, o simples fato de estar em análise desde o início do processo, isso já está lhe dando algo que vai lhe permitir ir vivendo de uma forma diferente. Todas suas relações, suas relações como casal, suas coisas vão mudando... Eu sinto por mim... Não houve mudanças como casal, porque nossa relação era muito forte, os laços eram muito firmes, mas, por exemplo, uma grande mudança se produziu em mim, porque eu era uma pessoa muito tímida... A minha casa da infância e juventude era cheia de primos e eu era das menores e era muito mimada... Minha vida era muito restrita à família e à relação com algumas amigas íntimas, tanto que nunca fui a um baile em minha juventude. Tudo acontecia nas casas... Quando conto isso a minhas netas, elas morrem de rir... “Vó, não podemos acreditar!”

Claro, era outra época... Agora, o que dirias do trabalho analítico num tema que é a diferença no tempo. Poderíamos dizer que entre teus últimos pacientes e os pacientes de 35/40 anos atrás havia alguma diferença na temática, nos temas dos pacientes, na sua forma de expressar seus conflitos?

Agora faz já doze anos que não tenho pacientes, mas eu te diria que o ser humano muda, e muda em relação ao entorno. O ser humano está sempre em relação com o seu contexto vital, por seu trabalho, por suas relações, pelo tempo que tem livre, pelo que tem de lutar economicamente para viver, sempre há mudanças. E isso serve para que o sujeito mude. Mas tem algo... algo muito profundo que não muda nunca: o conflito, a capacidade do ser humano de relacionar-se e de amar. Ao aprofundar a análise com o paciente, e quando se trabalha com crianças pequenas, se vê que há coisas que são naturais, que vêm com a criança quando nasce e persistem de alguma maneira: as fantasias.



Aproveito esse gancho: grosso modo, que poderias dizer da diferença de trabalho como analista de crianças ou de adultos?

Bom, eu sempre defendi a ideia de uma formação dedicada ao analista infantil situação que não havia na minha época, apesar de que eu sempre levei essa crítica à Associação. Eu creio que um analista que tenha trabalhado com crianças é melhor analista com adultos.

Eu estou de acordo.

Te habilita especialmente a chegar às coisas mais profundas e às fantasias mais escondidas do paciente adulto. Para mim, era muito gratificante trabalhar com crianças, em especial com aquelas muito pequenas. Tive muitíssimos pacientes crianças, tanto é assim que quando estavam por me autorizar a começar a analisar – e eu já estava no terceiro ano do seminário; antes era ao redor do terceiro ano do seminário que te autorizavam - disse a Baranger que ia trabalhar apenas com crianças. E ele me disse: “Bom, isso vais decidir depois, porque eu acredito que um analista deva trabalhar também com adultos”. E estava certo. Eu depois trabalhei com adultos, mas muito mais com crianças.

Ou seja, em teu trabalho analítico, de todos esses anos, tu dirias que teu campo de trabalho clínico foi maior com crianças do que com adultos?

De certo modo, sim. Porque depois fui analista de formação, como se chamava - agora não sei como estão chamando. Assim, trabalhei muito na formação de candidatos, mas também muito com crianças, desde que comecei. E depois, os seminários sobre crianças eram dos que eu mais gostava.

Então tu dirias que em uma instituição analítica seria desejável que houvesse um caminho de formação específica para trabalhar com crianças?

Eu diria que sim, porque muitas vezes escutei coisas assim como “eu, trabalhar com crianças, não quero nem saber! Quero ser analista de adultos”. E não se podia obrigar, mas, mais adiante, sim, o candidato tinha de trabalhar com uma criança. Agora não sei como é...

Agora não, não é obrigatório

Mas em meus tempos, sim. Bom, não sei se era medo ou rechaço às entrevistas com os pais, o compromisso duplo com o paciente e com os pais. Muita gente se refere a isso como temor de trabalhar com crianças. E o trabalho com crianças é muito enriquecedor, é muito gratificante. Às vezes eu saía com os joelhos doídos, de algum chute, mas, apesar disso, é muito compensador.

É trabalhar com um núcleo mais fresco do psiquismo.

E, ademais, é trabalhar com a fantasia. Eu, que adorava a literatura infantil, os contos tradicionais... O trabalho com crianças nos coloca frente a situações como a daquela paciente, uma menina de cinco anos, que foi trazida à consulta porque tinha crises de angústia. Sua mãe, depois da entrevista com os pais, me pediu umas palavras a sós e me disse que as filhas não sabiam de nada, mas ela queria se separar do marido porque soube que ele havia tido uma relação extra-conjugal. Ela me disse que não podia suportar aquilo, que havia sido uma dor tão grande para ela, apesar do arrependimento do marido, que disse que foi um erro e que não teve importância alguma em sua vida, e que não queria se separar. A mãe dizia que esse não deveria ser o motivo da angústia da menina, já que ela não sabia de nada. A menina começou o tratamento primeiro perguntando um pouco sobre as coisas que via, os brinquedos, as caixas e depois me disse: “Sabes a história do Chapeuzinho Vermelho?” Disse-lhe que sim. “Não queres me contar?” Naquela época, colocávamos água no consultório. Eu tinha uma torreira e uma caixa de areia. Depois se deixou de usar a caixa de areia, se abandonou porque era muito difícil de limpar entre uma criança e outra (a próxima) mas ainda estava lá. Então me disse: “Me conta!”. Eu comecei a contar e ela

começou a agarrar figurinhas e armar com elas as cenas que eu contava. No outro dia, na sessão seguinte, me pediu que eu repetisse a história e foi repetindo as mesmas ações, mas foi introduzindo mudanças. Não posso precisar quantas sessões isso levou, porque já faz muitos anos, mas uma das mudanças era que já não era um lobo, mas uma loba. E, depois, a loba não vinha comer a vovozinha, mas roubar o pai.

Ah, devia ter um conhecimento inconsciente...

E, então, trabalhamos todo o medo de que lhe roubassem o pai, como faríamos para protegê-lo, como faríamos para afastar a loba, tudo isso e, aos poucos, sua angústia passou... E o casal se recuperou também. É um exemplo de como os contos, as histórias infantis trabalham...

A capacidade de “metaforização” (de representar uma metáfora) dos contos, eis aí um laço entre a literatura e a psicanálise. Será que parte também de tua paixão pelo trabalho com crianças não terá de ver com o que ancora tuas raízes na literatura, na relação com o inconsciente, etc.?

Claro, porque no adulto a fantasia está mais distante, tudo é mais reprimido. Surge, mas está mais escondido...

Ou seja, o estatuto da repressão é bem diferente.

É diferente. E as crianças bem pequenas têm uma repressão muito incipiente.

Claro, nos dizem muito mais tudo, sim, sim... A barreira da repressão marca discursos diferentes.

E tudo vem com a fantasia... Uma vez, era a primeira sessão depois das férias – e bem, se sabe das fantasias das crianças de que, quando o analista não está, é como a porta fechada do quarto dos pais. Que estarão fazendo?. Então chegou a criança e me disse: Estás mais gorda! Estás mais gorda! E então esperei e ela pegou uma boneca e uma tesoura. E então veio com a tesoura e fez um gesto de quem iria me cortar. Eu disse: “Não! Não!” (Com voz firme) Então pegou a boneca e começou a cortá-la, e enquanto isso ia cantando: “arroz com leite, quero me casar...” E aí vimos todas as fantasias que ela podia ter das coisas que eu poderia ter feito durante as férias. É sempre uma expressão muito direta com as crianças. M. Klein dizia que uma sessão com

uma criança se dá inicialmente a partir da posição esquizo-paranoide, com ataques, etc. E vai evoluindo, graças ao trabalho da sessão, até terminar na segunda posição, a depressiva, através de movimentos de reparação, buscando colaborar e ajudar a analista. E isso se encontra assim, de fato, na clínica: “Deixa eu te ajudar, vamos guardar...” Eu considero o trabalho com crianças muito gratificante e que te ensina muito a manejar a fantasia do paciente. Deixei de trabalhar com crianças, agora não lembro bem em que data, mas faz anos. Repara que eu entrei na Associação creio em 1959... Faz muito tempo... Quando comecei a sentir que já não podia me atirar no chão, jogar bola, ficar de joelhos, deixei de trabalhar com crianças, mas segui por um tempo ainda com adolescentes...

O nome “Vida” não é comum e deve ter uma carga muito forte. Podes contar algo da história desse nome na tua vida? Te causou algum efeito especial?

Eu sempre gostei do meu nome porque está muito relacionado a meus pais. Eles se conheceram jovens e eram ambos muito românticos. Mas românticos à moda de Víctor Hugo... Se amaram muito sempre, sempre, até a morte... Do meu pai primeiro, depois de minha mãe, eram dois velhinhos que se tratavam carinhosamente. Meu pai chamava minha mãe de “Vida” ou “Vida minha”, como uma expressão maior de amor. Quando minha mãe engravidou de mim, meu pai lhe disse que, se fosse uma menina, me chamariam “Vida”. Portanto, o nome “Vida” está muito relacionado a isso, que é tão raro de um casal manter, através dos anos, mas muitos anos, todo esse amor e essa forma romântica de levar a vida.

Eram ambos muito leitores. Meu pai sempre me incentivou à leitura e nunca proibiu nenhum livro; me advertia sobre algumas coisas, mas sempre me permitia ler. Minha incursão na literatura foi através dele, quem sempre me guiava nessa atividade. Interessei-me pela literatura espanhola desde cedo, me encantava. No entanto, meu amor era Víctor Hugo!

E a ópera também?

Sim! Meu pai cantava muito bem, uma voz divina... Cantava ópera e minha mãe, não cantava, mas tocava piano divinamente. E minha mãe, desde que eu era muito pequena me contava os

enredos das óperas, tomando-os como contos, adaptando-os um pouco, amenizando a tragédia da narrativa operesca. Assim, cresci conhecendo os enredos de todas as óperas!

Como vê as relações evolutivas entre literatura e psicanálise?

Me parece que a literatura e a psicanálise têm laços muito fortes, porque dão exemplos de toda a riqueza das fantasias do ser humano. Certa “saúde” que o ser humano precisa para viver dentro das suas possibilidades. Veja, eu agora, com a idade que tenho, muito pouco posso criar mas... a questão é criar dentro das possibilidades de cada um, que, naturalmente, vão se limitando em uma determinada fase da vida. Quando se fala em criar, não é uma questão de valor, não me refiro apenas àquelas expressões máximas da criação, como pintar um quadro ou escrever um poema... Para fazer algo simples, como uma deliciosa torta, se necessita de algo de dentro, e isso também é criação.

Precisamente, a relação que existe entre literatura e psicanálise se configura para mim da seguinte forma: cada paciente que começa seu tratamento com um analista e cada analista que começa a tratar um paciente estão criando algo único. Mesmo que o paciente já tenha tido análises anteriores e o analista, muitos pacientes, esse encontro é como um livro que se escreve. É uma nova história que tratamos de que tenha um bom final, pelo menos que o paciente tenha a liberdade de escolhê-lo.

A experiência de análise, metaforicamente, é uma coescrita relativa em que os dois envolvidos participam. Nesse sentido, tu dirias que a experiência de análise modifica a “dupla”?

Não saberia dizer se o trabalho com o paciente te modifica, mas posso afirmar, com certeza, que te enriquece. E, muitas vezes, te permite e te ajuda a tolerar situações muito duras. Eu tive uma dessas situações na clínica. Meu pai morreu de câncer de pulmão. Foi para mim uma das maiores dores. Durante uns dias, eu não trabalhei, estive acompanhando a minha mãe, mas depois pensei que deveria recomeçar a trabalhar, porque estava demasiadamente exausta. E um paciente que eu tinha, que era desses com os quais sen-

tes muita empatia, chegou, se atirou no divã e começou a chorar, soluçando. Esperei um pouco e perguntei o que estava acontecendo e ele me respondeu que haviam diagnosticado um câncer de pulmão em seu pai. Tinha de acompanhá-lo e acompanhar-me. E assim foi, depois de um tempo, o pai dele morreu. Era grande o meu esforço para estar com ele, não podia interpretar nada, havia uma realidade tão dura, para ambos...O que eu podia era acompanhá-lo e sentia que também ele, com sua dor, me acompanhava.

Creio que o analista é o lugar das transferências, o suporte das transferências do paciente, mas a figura real e o drama real do analista também contam.

Eu, que trabalhei por mais de 50 anos, sempre encontrava em cada paciente, criança ou adulto, muitas coisas em comum comigo. Mas eles também tinham algo que era totalmente diferente. Então, com certeza, eu era diferente com cada um desses pacientes. Não é, portanto, o paciente e o analista nas suas individualidades, mas o que se cria desse encontro. É algo que criam juntos, como o livro em coautoria de que falávamos antes...

Conta um pouco do teu contato com pessoas importantes na psicanálise, como Esther Bick, quando veio aqui, e o que foi teu trabalho no Brasil com Luis Enrique de formação de núcleos...

Bom, eu tinha laços com Esther Bick. Tivemos uma relação muito especial. Outra pessoa importante foi a italiana Renata Gaddini. Com ela tive uma dessas relações como se tivéssemos nos conhecido muito. E ela comigo o mesmo. Eu te diria que, de todas as pessoas que vieram, as de que mais recordo com carinho foram Esther Bick e Renata Gaddini.

Como era com Esther Bick?

Esther Bick era uma mulher miúda, muito simples, dizia tudo de uma forma muito natural. Nós fazíamos supervisões com ela, quando vieram trabalhar aqui, e ela tinha a capacidade de simplificar muito as coisas, mas tinha uma profundidade, uma clínica impressionante. Cuidava muito, dava muita importância ao gesto que fazia o paciente...

E a Renata Gaddini, como era?

Era uma mulher alta, elegante, bonita, cálida. E que tinha também uma clíni-

ca bárbara. Lembro que uma vez eu fiz uma pergunta, eu não me lembro o que era... sei que ela estava falando das diferenças entre meninos e meninas, dos nascimentos, de como se dão as relações entre pais e filhos, era o começo, os primeiros vínculos, e eu fiz uma pergunta de que já não recordo, e ela me disse: “Que interessante sua pergunta, Vida, não posso respondê-la agora, mas vou ficar pensando”. Terminou sua estadia aqui, se foi e, oito dias depois, me mandou uma carta, muito carinhosa, contando todas as coisas que esteve pensando sobre essa pergunta.

Me diz uma coisa, Vida, antes de irmos terminando... com relação à literatura, acreditas que a literatura te ajudou no trabalho com pacientes?

Eu tenho a ideia de que a literatura me ajudou a viver...

A Comissão Editorial do Jornal da Brasileira agradece o empenho e a dedicação de Victor Guerra, colega uruguaio, na realização desta entrevista.

Cláudio Eizirik:

Quando a psicanálise começa em casa

O Dr. Cláudio Eizirik, ex-presidente da IPA, fala sobre seu começo na psicanálise, seu trabalho clínico e sua forma de pensar a clínica antes e agora, além de sua trajetória política na IPA. Conta-nos com humor das situações inusitadas de sua experiência na presidência da Internacional e reflete sobre o futuro da psicanálise.



Como a Psicanálise entrou na sua vida?

A psicanálise entrou em minha vida ouvindo meus pais sobre umas conferências a que haviam assistido em 1957, dadas por cinco analistas argentinos que visitaram Porto Alegre: Angel e Betty Garma, Arnaldo Rasowsky e Leon e Rebeca Grinberg. Meu pai, que tinha uma coluna sobre temas médicos no jornal Última Hora, entrevistou os cinco. Fiquei impressionado por seu entusiasmo pelas ideias psicanalíticas e, mais tarde, por intermédio de meu tio, David Eizirik, que se tratava num grupo do Cyro Martins, ouvi mais coisas que me interessaram e motivaram a conhecer mais; ainda antes do vestibular, ao ler Do Mito à Verdade Científica, de Cyro, e Conceito de Medicina Psicossomática, do David Zimmermann, praticamente ficou claro o caminho profissional que tomaria.

Como foi o seu começo como psicanalista?

Depois de fazer o curso e a residência em Psiquiatria na UFRGS e de trabalhar alguns anos como psicoterapeuta e psiquiatra clínico, e estando já na condição de professor do Departamento de Psiquiatria e Medicina Legal, convivendo com muitos membros da SPPA, decidi fazer a formação analítica. Uma das entrevistas foi com o Dr. Mario Martins; havia uma brincadeira entre nós, um grupo de amigos que se interessava por psicanálise, de que o Dr. Mario de fato não existia, era uma figura mítica inventada pelo David, pelo Paulo Guedes, pelo Roberto Pinto Ribeiro, pelo Meneghini, pois ele era muito discreto, não aparecia em nenhum ou quase nenhum evento público. Assim, fui conhecê-lo nessa entrevista, e ao final da mesma já estava claro para mim que era com ele que gostaria de me analisar – o que aconteceu nos anos seguintes, até que adoeceu, e continuei minha análise com o Sérgio Paulo Annes. Fiz as su-

pervisões oficiais com o Roberto e o José Maria Wagner. Era um período de muita atividade e havia um clima de estudo, entusiasmo e grande participação em todas as atividades, com muitos visitantes, como os Baranger, a Janine Smirgel e o Bela Grunberger, o Grinberg, o Horácio, o Wallerstein. Desde aquela época comecei a ir aos congressos, sendo que o meu primeiro da IPA foi em Nova Iorque, em 1979, quando tive a emoção de ouvir conferências do Rosenfeld, do Erik Erikson e da Pearl King, entre outros.

Como foi ser o primeiro psicanalista brasileiro e o segundo latino-americano a ser presidente da IPA?

Houve vários momentos nesse processo, que eu dividiria esquematicamente em três: o primeiro, constituído das sucessivas manifestações de colegas de vários países, no sentido de que eu deveria concorrer, levando, então, à decisão de enfrentar esse desafio; o segundo, toda a longa campanha eleitoral, em que havia três candidatos, e que foi a única, até agora, a incluir debates entre os três; e finalmente a eleição e o início do mandato. Sobre a campanha, penso que nós três conseguimos nos portar razoavelmente bem, e lembro, com certa saudade, de cenas da Ana Maria Azevedo, do Moisés Lemlij e de mim debatendo em Praga, em Nova Iorque, no Rio e em Montevidéu. Um episódio curioso foi quando nós três fomos a um congresso de Ferenczi, em Turim, para fazer campanha. Ao chegar lá constatamos curiosamente que quase não havia membros da IPA no evento. Como todas essas viagens eram custeadas por nós, comentei com eles que esses seriam os votos mais caros que iríamos conseguir. Assim, apesar da disputa, havia também momentos descontraídos e de bom humor entre nós. Por fim, quando saiu o resultado, e eu recebi, como manda a tradição, o telefonema do Widlocher comunicando-o, além da natural alegria, surgiram logo dúvi-

das e preocupações quanto a como seria essa nova etapa, e se de fato eu conseguiria dar conta do recado. Como diriam os Beatles, *with a little help from my friends* – na verdade, muita ajuda, e o trabalho extremamente solidário com a minha querida amiga Mônica Siedmann de Armesto. Acho que os resultados foram muito positivos. No início, havia uma preocupação minha e de meus amigos mais próximos pelo fato de ser apenas o segundo latino-americano, considerando as dificuldades que o Horácio havia enfrentado, em especial pela atitude algo hostil de colegas de outras regiões e uma atitude pouco cooperativa do seu antecessor, Sandler. Mas o cenário era outro, e houve um trabalho muito próximo com Widlocher nos dois anos como presidente eleito, sendo possível montar uma equipe muito boa e disponível, e as coisas andaram bem.

Em sua gestão como presidente da IPA, seguramente, viajou muito e visitou muitos lugares. Pôde notar muita diversidade?

Embora uma colega de outro continente tenha dito uma vez que a formação analítica deveria ser como a Coca-Cola, igual em todas as partes, o que pude observar é que há alguns aspectos comuns, naturalmente, mas uma enorme diversidade produzida por distintas culturas e mesmo pelas distintas histórias de cada região e sociedade. Cada consultório analítico, embora tenha um divã e uma poltrona atrás dele, é diferente dos demais, e cada analista tem seu estilo e sua forma de analisar. Há aspectos da cultura em que estamos inseridos que influenciam nossa forma de trabalhar. Por exemplo, constatei que, durante o regime comunista na Europa oriental, os analistas tinham um emprego ao longo do dia e só podiam analisar no fim da tarde, e atendiam em uma peça de sua própria casa, em meio aos ruídos domésticos inevitáveis. Com a redemocratização,

passaram a ter seus consultórios em outros locais, e o silêncio e a privacidade desse novo *setting* provocou uma parada na sequência associativa por um bom tempo.

Em sua extensa experiência clínica, como era ser analista antes e como é agora? Pode-se dizer que os desafios de ontem são os mesmos de hoje? E os pacientes, observa diferenças significativas na organização psíquica dos sujeitos em relação às possíveis mudanças advindas no mundo globalizado?

Observo várias mudanças ao longo dessas décadas, algumas delas evidenciadas numa pesquisa que fiz com um grupo de colegas da SPPA sobre mudanças na técnica, através de um estudo dos trabalhos para membro associado, ao longo desse período, que detectou mais atenção à contratransferência, mais perguntas, menos ênfase quase exclusiva às interpretações da transferência negativa, etc. Em suma, tenho a impressão de que éramos mais rígidos e inflexíveis, e que procurávamos aplicar uma técnica analítica um tanto padronizada. Hoje, percebo uma maior flexibilidade e uma atenção predominante em entender e descrever para o paciente o que percebemos que esteja ocorrendo no campo analítico. Para mim, esse conceito dos Bangerer é dos maiores avanços para o nosso trabalho clínico, bem como as contribuições de Bion, Betty Joseph, Ogden, Green, Ferro; de fato, pelo que tenho observado em distintos congressos, ou mesmo em supervisões que tenho dado em vários países, há uma maior liberdade de movimento: o paciente é visto como o melhor colega, como propõe Bion, e temos um trabalho a dois, em que a mente do analista é objeto de constante atenção. Independentemente das diferenças entre as várias formas de analisar, conforme o modelo teórico ou a tradição analítica, tenho a impressão de que esses aspectos perpassam distintas latitudes. Quanto ao outro aspecto, penso que mudaram os pacientes e também mudou a forma de analisar; cada vez mais tratamos pacientes narcisistas, *borderline*, psicossomáticos, perversos e com transtornos graves de personalidade. Com as várias contribuições dos autores que citei e de muitos outros, vejo que podemos hoje trabalhar em contato emocional mais próximo e intenso com os pacientes.

Como vê a formação psicanalítica nas instituições da IPA na atualidade?

Havia uma aberração nos estatutos da IPA no que se refere à formação, pois embora houvesse distintos modelos, apenas um era contemplado, embora se admitissem as exceções da chamada cláusula do avô para o modelo francês. Particpei de vários momentos que foram mudando esse cenário, como o reconhecimento da análise condensada, no tempo em que ainda estava na Casa de Delegados, e a longa batalha pelo reconhecimento dos três modelos, que iniciou na gestão do Widlocher e teve sua aprovação na minha. Talvez essa tenha sido a situação mais difícil que enfrentei e que exigiu muita paciência, firmeza e capacidade de negociação. Por fim, fomos bem-sucedidos, e agora temos uma situação mais realística. Quanto à formação analítica em si, em princípio me parece ser de bom nível e seguir, em linhas gerais, os padrões de qualidade que o próprio Freud pretendia estabelecer quando criou a IPA em 1910. Mas observei que há diversos problemas que se repetem e são alvos de discussão nos chamados pré-congressos didáticos nas três regiões: certa dificuldade de reconhecer a autonomia e a capacidade de pensar dos candidatos, certa tendência ao uso do poder nas chamadas análises didáticas (que prefiro chamar de análises dos analistas em formação) em termos da ideologia teórica ou da formação de agrupamentos ou famílias analíticas ao redor de um didata, lutas pelo poder dentro dos institutos, desavenças pessoais que tomam a forma de supostos desentendimentos por razões teóricas ou éticas, e assim por diante. O artigo do Kernberg sobre as trinta maneiras de destruir a criatividade dos candidatos é uma excelente síntese desses problemas. Mas, em suma, ainda assim, de todas as vezes em que supervisionei material clínico em muitos locais, o que me impressionou mais foi a capacidade analítica da maioria das pessoas formadas dentro do nosso Instituto.

E sobre a importância da IPA para o mundo e para a psicanálise, o que pensa?

Penso que a IPA foi uma importante iniciativa de Freud e de seus colegas, e seus propósitos de congregar os analistas para uma troca amistosa, nas palavras dele, e de manter crité-

rios elevados de formação analítica se mantêm. No entanto, o mundo mudou e a IPA vem tentando se modificar de forma correspondente. Deixou de ser uma estrutura vertical para se tornar mais democrática e transparente, estimulando a participação dos membros e analistas em formação, abrindo-se para uma maior troca e comunicação com o mundo externo, em especial na gestão do Kernberg e de forma crescente nas seguintes, e buscando formas mais de acordo com a nossa realidade para se comunicar interna e externamente. Sobre a sua importância para o mundo, naturalmente nossa tendência narcísica seria considerá-la mais relevante do que de fato é. Há hoje uma enorme legião de analistas e de formações analíticas fora da IPA, e não encontramos ainda uma maneira de estabelecer com esses colegas alguma relação de trocas e colaboração. Sobre os graves problemas do mundo, como a miséria, a fome, os fundamentalismos, as guerras, a globalização, a IPA tem promovido debates. Temos o nosso comitê na ONU, com algumas iniciativas relevantes, como a comemoração dos cem anos do nascimento de Freud; penso, no entanto, que ainda somos excessivamente tímidos e contidos pelo *setting* analítico para uma ação mais decidida e de fato relevante nos assuntos do mundo. Esse é um assunto polêmico, pois muitos analistas pensam que devemos cuidar do que se passa dentro de nossos muros, mas eu estou convencido de que isto não basta. Apenas um exemplo: foi uma luta convencer parte do *Board* de que deveríamos iniciar a formação analítica na China, tendo de enfrentar todo o tipo de resistências internas. Por fim, logramos iniciar essa nova fronteira, mas para mim é um atestado de uma mentalidade temerosa e conservadora que ainda vigora em muitas latitudes. Quanto à importância da IPA para a psicanálise, aí a coisa muda de figura, pois é a única associação internacional com história, tradição, estrutura e pluralismo capazes de manter e desenvolver a psicanálise dentro dos critérios que foram estabelecidos por seus fundadores. Na medida em que iniciativas como o CAPSA, que promoveu intercâmbios teórico-clínicos entre as três regiões, as publicações, os congressos, o *website*, os vários comitês, a capacidade de incluir e escutar o outro forem mantidas ou de-

envolvidas, penso que a IPA será um elemento central para a psicanálise no futuro.

Como vê a relação entre a política dentro da IPA e o ser psicanalista em suas dimensões clínica e docente?

O ser humano, por definição, é um animal político, afinal, todos habitamos a pólis, a cidade, e as relações entre as pessoas e os grupos têm uma dimensão política inevitável, ao contrário do que podem pensar alguns ingênuos que advogam um ideal de pureza ou reclamam da presença dessa dimensão na comunidade psicanalítica. Aliás, Freud, entre outras capacidades, era um excelente articulador político, apesar de alguns equívocos, como não dar ouvidos a Abraham sobre Jung ou deixar-se contaminar pelos ciúmes de Jones em relação a Ferenczi, ou não reconhecer a grandeza de Melanie Klein para proteger sua filha. A permanência centenária da IPA e seu crescimento e expansão têm muito a ver com a forma como foi estruturada e planejada por Freud e seus colegas do círculo dos anéis. Assim, vejo a questão política como uma parte natural da vida de cada um de nós, como pessoas e cidadãos, que têm suas opções, valores e ideologias. O problema é que essa atividade necessária tem uma variável que é peculiar à instituição psicanalítica: a transferência, não só com as figuras reais e fantasiadas dos analistas como com a instituição, a psicanálise e o próprio Freud. Aliás, penso que nenhum analista escapa da necessidade de elaborar sua relação pessoal com Freud, como homem e como obra. Com isso, quero dizer que transferências não bem analisadas ou a presença de analistas excessivamente narcisistas ou com necessidade de colonizar as mentes de seus pacientes levam a dolorosas cisões e a situações de crise que afetam pessoas (o que é o mais importante) e as próprias instituições. Cansei de ver situações assim em minha trajetória na IPA, nas três regiões, e de ouvir versões absolutamente contraditórias de dois grupos ou de pessoas em franco processo esquizoparanoide. Numa ocasião, saí de uma reunião com o grupo A totalmente convencido de que eu tinha razão, e de que o grupo B era composto por psicopatas, subversivos, etc. Na manhã seguinte, ao me reunir com o grupo

B, fiquei perplexo ao me ver convencido de que eles é que tinham a razão, e que o grupo A era um bando de reacionários, rígidos, etc. É como aquela história do rabino ou da famosa frase de Shakespeare, muito citada em espanhol: “nada es verdad, nada es mentira, todo depende del cristal con que se mira”. Em suma, recomendo a releitura periódica do livro da Grosskurt, O Círculo Secreto, que espanta, por um lado, pela quantidade de loucura dos primeiros anos, mas anima e consola, porque mostra que é possível administrar, ir adiante, construir e encontrar soluções racionais, mesmo nas instituições psicanalíticas. Mas há um aspecto central nessa complexa questão: se alguém se entusiasma demais pela atividade associativa e não continua a ser um analista clínico que mantém sua atividade com pacientes e de ensino, corre o risco de se transformar em um burocrata da psicanálise, como alguns, felizmente poucos, que conheci. Assim como para a maioria dos colegas, mesmo durante a minha gestão, a maior parte do meu tempo continuou a ser dedicada ao que considero o essencial de minha vida profissional: o trabalho com pacientes e alunos.

Teria algum conto pitoresco ou curioso de sua experiência como analista da IPA que pudesse compartilhar conosco?

Há muitas histórias a contar, mas uma situação pitoresca ocorreu durante uma das escolas de verão do Instituto no leste europeu, em Rabac, na Croácia, justamente durante a Copa do Mundo, em junho de 2006. Naquela semana, cercado de analistas e estudantes de psicanálise de inúmeros países do leste europeu, e tendo feito supervisões para russos que não falavam uma palavra de inglês, intermediadas por uma tradutora, e dado várias aulas, me dei conta de que haveria justamente por aqueles dias o jogo entre Brasil e Croácia, sendo que a maioria dos presentes era croatas, que amam o futebol como os brasileiros. Colocaram uma tela num enorme salão. Vesti uma camisa amarela, todos os croatas vestiam camisas quadriculadas em vermelho e branco, e uns dois ou três europeus do oeste sentaram ao meu lado, solidários. Eu não podia prever o que faria, embora achasse que não ficariam bem grandes ex-

pansões, caso o Brasil fizesse gols. O fato é que Ronaldinho gaúcho e os demais definiram o jogo, e na hora do gol de Kaká acabei dando um pulo, ao que vários sorriram meio amarelo, enquanto uns poucos aplaudiram, meio chochamente. Todos visivelmente decepcionados, pois a sua seleção dava certo sufoco no grande time do Brasil. No fim do jogo, todos aplaudiram a seleção brasileira e, no dia seguinte, me deram de lembrança uma camiseta e um boné de sua seleção. O curioso é que eu poderia ter me sentido sozinho naquela situação, mas me senti entre amigos – talvez uma troca amistosa de que falava Freud – que igualmente gostam e vibram com o futebol. E o que me disseram, ao dar a camiseta, é que lhes fez bem ver que o presidente da IPA era uma pessoa como qualquer um deles. Ver aqueles colegas, depois da guerra fratricida e das inúmeras atrocidades por que tinham recém-passado, torcendo como qualquer um de nós, foi também uma experiência emocionante. Guardo com carinho essas lembranças, e o curioso é que desde então tenho uma especial simpatia pela seleção da Croácia.

O que pensa sobre o compromisso da IPA com a psicanálise para os próximos cem anos?

Talvez já tenha respondido a essa pergunta, mas a vejo como fundamental, dada a relevância para a psicanálise que a IPA amplie a participação de seus membros e dos analistas em formação. Em minha gestão, houve uma participação sem precedentes de analistas latino-americanos em todas as atividades, e quanto mais pessoas de distintos lugares e culturas puderem participar, mais rico será o intercâmbio. Além disso, desde o início a psicanálise esteve em contato estreito com a cultura e a ciência da época, e necessitamos manter esse espírito de abertura e de capacidade de ouvir, respeitar e aprender com distintos saberes. Após ter convivido com tantas sociedades e tantas culturas ao longo de vários anos e de ter podido participar, falar e, principalmente, ouvir em congressos das três regiões, tenho plena confiança de que a IPA tem uma capacidade de renovação e de resistência aos embates que se apresentam que a manterá em plena vitalidade e relevância nos próximos cem anos.



A arte de ser psicanalista

Dando continuidade à série Os Fundadores, nesta entrevista, Dr. Petrucci fala sobre sua vinda do Rio de Janeiro para Porto Alegre, seus conhecimentos artísticos e o caminho percorrido na psicanálise.

Como a psicanálise entrou na sua vida?

P: Entrei em contato com a psicanálise muito cedo, ainda nos primeiros anos do meu curso de medicina, lá por volta de 1966, 1967. O Curso de Psiquiatria da Faculdade de Medicina que cursei era profundamente influenciado pelas ideias da psicanálise sobre as doenças mentais. Quando fiz minha pós-graduação em Psiquiatria, no Rio de Janeiro, não quis cursá-la no Instituto de Psiquiatria da UFRJ porque ali se ensinava Psiquiatria clássica; preferi o Centro Psiquiátrico Pedro II, do Ministério da Saúde, onde o Curso de Psiquiatria tinha orientação psicanalítica. Ali fiquei por três anos, como estagiário-residente.

Poderia comentar brevemente sobre sua formação e seu percurso na psicanálise?

Iniciei meus seminários de formação psicanalítica em 1976, após dois anos e meio de análise pessoal com o analista didata, com cinco sessões por semana na Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, tendo sido qualificado analista em 1981. Em 1983, comecei a participar dos seminários de Teoria da Técnica Psicanalítica, como auxiliar de ensino, convidado por sua titular, a Dra. Inaura Carneiro Leão. Dois anos depois, passei a coordenar seminários nessa matéria e também na de Estudo Teórico e Evolutivo da Obra de Sigmund Freud e na de Psicanálise das Psicoses. Nos anos de 1984 e 1985, fui Subcoordenador da Clínica Social da Sociedade, e em 1986 e 1987, Coordenador de Formação do Instituto de Psicanálise. Em 1987, passei à categoria de Analista Didata. Já membro do então Grupo de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre, como Membro Titular e Analista Didata desde os primeiros tempos, fui Secretário do Instituto de Psicanálise, e já com a nossa Sociedade sendo sociedade definitiva da IPA, fui Coordenador da Clínica Social (esse era o nome à época). Atualmente sou Secretário da Diretoria.

O que o motivou a pertencer à fundação de uma nova sociedade em Porto Alegre?

Em 1989, fui convidado por colegas de Porto Alegre a me transferir para cá e lecionar no Curso de Pós-Graduação em Psiquiatria da hoje Fundação Universitária Mário Martins – os mesmos colegas me ofereceram, também, a perspectiva de participar da fundação de uma nova Sociedade Psicanalítica, filiada à IPA, em Porto Alegre. Por essa época, já estava bastante desiludido com a qualidade de vida do Rio de Janeiro, e tudo isso reunido fez criar-se em mim grande entusiasmo. Transferi-me para Porto Alegre dois anos depois.

Sabemos que tem um percurso nas artes plásticas, através da pintura. Que relações pode estabelecer entre o processo criativo na arte e na psicanálise?

A Psicanálise, a meu ver, busca manifestações espontâneas da experiência emocional que paciente e analista estimulam, mutuamente, um no outro. A captação dessa experiência e sua transformação em expressão verbal é, sem dúvida, uma arte, da mesma forma que a pintura e qualquer obra de arte são a tradução da espontaneidade emocional do artista. Nesse sentido, ambas são arte. Para mim, a pintura, que é apenas um “hobby”, pode mesmo ser um exercício de introspecção que será útil em minha atividade como analista. No entanto, não penso que bons analistas tenham que, necessariamente, ter habilidades em outras artes.

Da sua experiência como psicanalista no Rio de Janeiro e em Porto Alegre, ante a evidente diversidade cultural entre as regiões brasileiras, o que pode nos contar sobre as diferenças no exercício clínico nesses dois lugares?

Percebi que algumas diferenças culturais influenciam a prática da Psicanálise no Rio de Janeiro e em Porto Alegre, mas creio que tais diferenças são apenas, digamos, periféricas. Nos fundamentos mesmo da prática psi-

canalítica, não creio que fatores culturais, isoladamente, possam levar a diferenças significativas.

Quais os autores mais influentes na sua prática clínica? E que contribuições de tais autores o impactaram especialmente?

Minha formação psicanalítica teve forte influência da chamada Escola Inglesa, embora a base tenha sido a obra de Freud. Assim, a partir da Melanie Klein e seus seguidores diretos, como Paula Heimann, Susan Isaacs, Roger Money-Kirle, entre vários outros, segui os caminhos dos referenciais teóricos que foram criados com base na Teoria das Relações de Objeto. Essa teoria, sem dúvida, evoluiu significativamente, e até foi modificada por diversos autores, que são basicamente minhas fontes de estudo, atualmente. Além, claro, de frequentes revisões da obra de Freud: Herbert Rosenfeld, Christopher Bollas, Wilfred Bion e Thomas Ogden são, com certeza, os autores que mais influenciaram minha prática analítica atualmente.

Que temas ou questões relativas à psicanálise têm ocupado sua atenção e reflexão atualmente?

Em relação ao corpo teórico da Psicanálise, minha atenção tem estado predominantemente voltada às perturbadoras influências que a relação psicanalítica traz à mente do analista. Já como formador de psicanalistas tenho pensado muito nas grandes diferenças entre métodos de ensino da psicanálise nos vários institutos, incluindo aí, claro, a valorização da análise pessoal durante a formação psicanalítica.

Alguma recomendação aos analistas em formação?

Escolher um referencial e ir fundo em seu estudo. A profundidade é mais importante que a extensão no conhecimento psicanalítico. Na clínica, certamente que os referenciais convergirão.



A Clínica Psicanalítica das Psicopatologias Contemporâneas

Possivelmente um dos acontecimentos mais comentados, pelo impacto que vem causando no meio psicanalítico nos últimos tempos, é a frequência com que procuram nossos consultórios pacientes que trazem até nós patologias que, senão inusitadas, pelo menos muito raras em outros tempos. Estamos falando, entre outros fenômenos psíquicos, das chamadas “neuroses atuais”. Tais patologias, embora encontradas em pacientes aparentemente neuróticos, acabam, pela busca de suas causas profundas, nos levando para campos muito distantes do que costumamos chamar de “neuroses”. A obra recentemente lançada por Gley Costa vai em busca dessas profundidades, tanto na forma de detectá-las como na intervenção terapêutica possível, dentro de uma visão muito própria e nova para nós. Vale, e muito, ler.

Dr. José Luiz Freda Petrucci



Narrar, ser mãe, ser pai Celso Gutfreind

Parentalidade e a importância do aspecto narrativo

Narrar, ser mãe, ser pai, de Celso Gutfreind, analisa o processo psicológico de se tornar mãe e pai — a parentalidade —, ao sublinhar a importância do aspecto narrativo. Para o autor, não há pais à vontade se não contarem histórias: as suas próprias, de preferência, ou as alheias que, ao serem escolhidas, também lhes dizem respeito. “Este livro não é de autoajuda e, justo por isso, corre o risco de ajudar” (p. 32).

Uma crônica ao estilo fantástico de Jorge Luis Borges inaugura o Espaço Livre do Jornal da Brasileira

Breve introdução a uma introdução

Os personagens, os fatos, acontecimentos atuais ou passados, de qualquer tipo são absolutamente fictícios e obviamente não têm qualquer conexão com nada que você conheça ou mesmo imagine. Tudo nesta obra é falso, a começar pela absolvição do mordomo no final. Não há, aliás, mordomo algum na história, muito menos algum crime, o que o deixará às voltas com mais um daqueles mistérios intrigantes, dos quais você nunca terá a resposta, pelo menos não neste livro.

Para o caso de você ainda não estar plenamente convencido de que tudo o que você lerá (ou não lerá) é da mais absoluta e verdadeira falsidade, o autor preocupou-se em trocar os nomes de todos os animais de estimação de dona Carlota Siqueira, visando tornar a identificação de sua proprietária completamente impossível, embora o mordomo, aquele que não está neste livro, possa identificá-la com facilidade, já que nunca trabalhou na sua casa.

Também a aparência dos prédios foi descrita com alguma liberdade literária, impossibilitando sua identificação e evitando, assim, aglomerações nos dias de filmagem deste livro. Dessa forma, quando você ler em certo trecho que o capitão Tenório entrou pela parte traseira das anáguas da filha de dona Carlota, tendo antes o cuidado de limpar as botas o autor provavelmente se referia, metaforicamente, como convém a todo bom autor de ficção, ao estábulo das éguas que fica nos fundos do apartamento do terceiro pavimento e, convenhamos, com tal descaracterização dos prédios você já deve ter abandonado qualquer possibilidade de identificar a realidade assim mascarada, bem como de entender o restante da história.

No entanto não se preocupe com esses pequenos detalhes que o ajudarão na incompreensão total da história, entenda que nossa editora é muito ciosa de resguardar o direito à individualidade e privacidade de seus personagens de ficção, para o caso de eles desejarem se tornar reais algum dia. Da mesma forma esperamos que você tome iguais precauções para evitar que nossos personagens o reconheçam, pois não nos responsabilizamos pelo que poderá suceder no futuro. Como o mordomo não está na nossa história e tem antecedentes criminais, não nos responsabilizamos por nenhum de seus atos.

Sendo assim, ou não... boa leitura !

Dr. Marco Aurélio Albuquerque
Psicanalista membro da SBPdePA

envie seus textos (crônicas, poemas, artigos, contos)
para sbppabib@terra.com.br